COMPREENDENDO A DIVERSIDADE COMO CAMINHO PARA UMA EDUCAÇÃO CIDADÃ E INCLUSIVA.

SILVANA NETO DOS REIS MANCHINI

RESUMO

Este artigo tem como foco principal trazer a luz os desafios encontrados na sociedade atual, em relação as questões que permeiam o respeito à diversidade humana e a pluralidade cultural nos ambientes educacionais, tendo em vista que os pensamentos em relação a diversidade, a partir dos preceitos que buscam a transformação das práticas escolares e educacionais sobre o assunto aqui abordado, com o intuito de promover uma educação para todos, através de aprendizagens concretas, que garantam a efetiva permanência e participação do estudante e, seu sucesso escolar independente de suas característica. O Processo educacional contempla os processos formativos que se iniciam na vida familiar, nas relações humanas de um modo geral, dando origem a uma extensa diversidade individual. Assim justiça-se essa temática da questão da educação para a diversidade observando sempre que a educação é um direito fundamental de todo cidadão. A constituição de cada escola é única e se analisarmos e considerarmos o meio em que vivem esses alunos, e pela importância do tema que as discussões sobre diversidade cultural ganham maior conteúdo, incentivando pesquisas sobre o assunto a tempos, confirmando assim que isso não é novidade e apontava para a necessidade de um estudo mais aprofundado sobre a construção dos discursos da diferença, e o verdadeiro significado dos termos capazes de produzir espírito crítico e cidadania. Cada escola, cada sala de aula tem sua história e preocupações que a tornam única, e essas diferenças apresentadas pela comunidade escolar podem ser explicadas com precisão pela diversidade. A metodologia utilizada para essa pesquisa foi a revisão bibliográfica.

Palavra-chave: Cidadania; Educação; diversidade.

ABSTRACT

The main focus of this article is to shed light on the challenges encountered in today's society, in relation to issues that permeate respect for human diversity and cultural plurality, bearing in mind that thoughts in relation to diversity, based on precepts that seek transformation of school and educational practices on the subject discussed here, with the aim of promoting education for all, through concrete learning, which guarantees the effective permanence and participation of the student and his academic success, regardless of his characteristics. The educational process contemplates the formative processes that begin in family life, in human relations in general, giving rise to extensive individual diversity. Thus, this issue of education for diversity is justified, always observing that education is a fundamental right of every citizen. The constitution of each school is unique and if we analyze and consider the environment in which these students live, it is due to the importance of the theme that discussions on cultural diversity gain greater content, encouraging research on the subject. A few years ago, thus confirming that this is nothing new, he pointed to the need for a more in-depth study on the construction of discourses of difference, and the true meaning of terms capable of producing critical spirit and citizenship. Each school, each classroom has its history and concerns that make it unique, and these differences presented by the school community can be precisely explained by the cultural/geographical diversity expressed on the floor of each school, as it is formed by different Peoples who have their own customs, rituals and beliefs.

Keywords: Citizenship; Education; diversity.

INTRODUÇÃO

As instituiçoes escolares são locais singulares, quando se considera o ambiente em que os alunos frequentam, e é essa a justificativa do tema em questão. A abordagem em relação à diversidade nos ambientes educacionais tem crescido e ganhado corpo frente as discussões na sociedade atual o que despertou o desejo de abordar essa temática no presente artigo.

As questões relativas as diversidades não são novidades e caminham para a necessidade de difundir a construção do discurso sobre as diferenças no ambiente escolar, e da busca pela construção de uma educação que produza reflexões sobre o sentido do termo cidadania.

As instituições escolares possuem sua próprias características, tem a sua história e suas preocupações que as torna diferentes umas das outras, as diferenças apresentadas pelas diferentes instituições escolares, podem ser explicadas pela diversidade das pessoas que as frequentam e nelas apresentam suas diefrenças, é possível aformar então que em um mesmo ambiente é possível encontrar uma diversidade importante de pessoas formadas por grupos étnicos, costumes e crenças próprias da sua cultura e singularidade.

Quando refletimos sobre o processo de aprendizagem atualmente, e especialmente nas instituiçoes brasileiras, observamos diferentes fatores que inflien-

ciamnota-se tanto aspectos positivos, a possibilidade de conhecer e conviver com novas culturas, quanto os aspectos negativos, referente as definições de cultura através do tempo vieram de outras regiões do Brasil, e não poucas vezes são consideradas como inferiores em relação as que já fazem paete da região em que se insere.

Hoje a sociedade vivência importantes mudanças em seus diferentes aspectos, em especial o aspecto cultural. Sob essa ótica o aspecto cultural é o que mais apresenta divergência especialmente quando se trata de influência na vida dos estudantes na relação ensino e aprendizagem.

Observa-se um grande abismo cultural que causa um importante impacto à formação educacional, no que se refere a sociedade, e ao ambiente educacional, o que reflete de forma a negativa levado no corpo docente das instituições os influenciando a investir mais em estudantes que supostamente terão melhor rendimento, por vezes negligenciando aquele que apresenta dificuldades mais complexas e relacionadas com esse conflito cultural Perrenoud afirma que:

Diferenciar é trabalhar prioritariamente com os alunos que têm dificuldades. Ora, nem sempre eles são cooperativos, trabalhadores, simpáticos, bem-educados, divertidos, limpos e charmosos, ou seja, gratificantes. Diferenciar é enfrentar com frequência certa distância cultural, gerar certa tensão com quaisquer alunos rebeldes à aprendizagem, superar momentos de desânimo quanto o tédio inerente à repetição das mesmas explicações, as quais acompanham tarefas elementares, por mais fundamentais que elas sejam. (PERRENOUD, 2001, p. 46.)

Sob essa visão surge a necessidade de novas proposta para educar, observando o além do que se vê, estando aberto a enxergar as possibilidades além da primeira impressão que se espera, e que já traz consigo histórias, expectativas e modos próprio, desse modo, faz-se necessário que as instituições educacionais ampliem seus olhares para conseguir se adequar às necessidades das práticas voltadas as características individuais dos estudante, assim como nos traz a contribuição de Perrenoud (2001, p.48), "é normal ter vontade de trabalhar com os alunos mais gratificantes, mais curiosos, mais rápidos. É inútil sentir-se culpado. O essencial é analisar lucidamente suas escolhas".

Na perspetiva de abordar de forma mais ampla e adequada as diferenças próprias de cada estudante é que Candau e Leite (2006) afirmam a importância de se afastar de paradigmas postos pelas instituições com visões tradicionalistas trazendo a luz uma proposta educacional que comtemple as diferenças individuais dos estudantes e, promova, a adequação de práticas pedagógicas que incluam essas características e não as segregue.

Candau e Leite justificam ainda a necessidade da apropriação do conhecimento não acontece de forma homogênea, e essas diferenças na apropriação do conhecimento podem se tornar excludentes.

As mesmas autoras destacam que a proposta na mudança educacional desenvolvida nos anos 60, que incentivou Paulo Freire, ao visualizar essas questões presentes no nordeste do Brasil, á busca pela implantação da educação de jovens e adultos (EJA). A proposta é estimular uma educação que leve em contas o aspectos cultural no qual o estudante qual está inserido, a fim de valorizar as diferenças culturais que interfiram de forma direta as dificuldades de aprendizagem nos nas escolas e na vivência social de modo geral.

Paulo Freire traz em suas obras crítica à educação e as práticas educacionais que trazem em si uma concepção massificadora e que promovem a exclusão, levando os estudantes a repetição de conteúdos que foram difundidos por longos períodos de tempo, desestimulando o pensamento criativo e a busca pela solução dos problemas que a vida apresenta.

Para Freire é preciso considerar que a sociedade esta constantemente em transformação, assim, não promover uma educação que não estimule a discussão a cerca desse aspecto não é viável.

O mesmo autor pontua que "só podíamos compreender uma educação que fizesse do homem um ser cada vez mais consciente de sua transitividade que deve ser usada tanto quanto possível criticamente, ou com acento cada vez maior da racionalidade".

Não se justifica a educação inerte que não inclua a consciência e a liberdade do educando, assim surge a importância do discutir a utilização e aplicabilidade dos conteúdos na vida dos estudantes e os caminhos que permeiam relação entre educadores e estudantes, que anteriormente eram induzidos em consonância com os interesses políticos sociais, e o educadores eram considerados meros reprodutores de ideias, ao invés de contribuir para a efetiva formação de cidadãos críticos e capazes de modificar a sociedade em que está inserido.

Dessa forma é possível observar que as instituições escolares possuem também função politico social comedidas pela razão, devem estimular a melhora na qualidade do processo de ensino e aprendizagem, tendo em vista que os estudantes são produtos de um sistema que deve evitar a qualquer custo engessar o pensamento dos estudantes através de conhecimentos padronizados, que só contribuem para criar barreiras e impedir os educadores de atingir os objetivos planejados para promover a formação inte-

lectual de cada indivíduo, esse processo de formação pessoal do estudante, demanda questionamentos, tanto sobre os conteúdos aplicados, quanto o método da educação e da relação entre estudantes e professores.

O desenvolvimento da consciência e a necessidade crescente da participação do estudante nas mudanças relevantes para a sociedade, tendem a passar por uma mudanças educacionais, especialmente no fazer escolar, que pode inclusive ter sido reprimido pelo próprio sistema de ensino, por meio da padronização, dando preferência para o ensino de conteudista que não se distanciam da realidades vivenciadas por esses estudantes, tais ações só se tornam possíveis, quando os educandos, cidadão formados pela escola, puderem participar de forma participativa das mudanças que ocorrem na sociedade, por meio de embasamentos educacionais que iniciaram esses individuo nas discussões presentes na sua realidade diária.

Agir educativo que, não esquecendo ou desconhecendo as condições futurológicas de nossa formação paternalista, vertical, por tudo isso antidemocrática, não esquecesse também e, sobretudo as condições novas da atualidade. De resto, condições propícias ao desenvolvimento de nossa mentalidade democrática, se não fossem destorcidas pelos irracionalistas. (FREIRE, 2003, p.99)

Os autores Freire e Shor (1987) discorrem sobre a necessidade de encarar o medo diário das lutas pela transformação da sociedade. Essas transformações surtiriam mais efeito a partir do momento que os educadores fizessem uso da denominada educação informal, metodologia que visa o reconhecimento de conhecimentos adquiridos por esses sujeitos em sua realidade diária, ao priorizar apenas a educação formal, que comtempla um ensino padronizado, por vezes engessado. Os autores afirmam que "se estar seguro do seu sonho político, uma das condições para continuar a ter esse sonho é não me deixar ser barrado, enquanto caminho para realiza-lo. E o medo pode ser paralisante" (1986, p.35).

A utilização da educação libertadora, não é uma metodologia em pró se dos oprimido, é promovida pelo povo e com ele, por isso é chamada de cultura popular, no processo que abrange a cultura popular, a educação busca o sentido originário de reconhecimento ativo do ser humano e através do ser humano, onde educar-se ter participação ativa no processo cultural, caminho pelo qual o homem se faz e se refaz sempre, é reconhecida também como, processo da cultura do povo trabalhador, assim sendo a cultura popular no seu sentido mais amplo. Na luta pela educação popular como trajetos de resistência à ideologias classistas e dominantes e, com o objetivo da construção de uma cultura geral, cada cidadão tem uma parte, quando de trata de responsabilidade.

É nesse cenário que a chamada educação popular citada por Arroyo (2009) desperta-nos a atenção de que a partir de seu surgimento na década de 60, concepções controversas e pouco definidas tem sido difundida a respeito do que é esse movimento e como consequência, o desenvolvimento de impressões que padronizam os indivíduos de classes menos favorecidas como inferiores ou "os portadores de uma cultura que não fora valorizada por essa classe, que tende a se desenvolver como dominante.

O mesmo autor afirma aina que a ligação entre a educação popular e a saúde acontece por que alguns setores da sociedade desenvolvem impressões estereotipadas retiradas da patologia, cita-se a ignorância popular como doença social, não visualiza nesses grupos de pessoas qualquer resquício de conhecimento, nem no aspecto cultural muito menos no intelectual.

Estas visões naturalizadas, biologizadas e patológicas dos setores populares ainda estão muito arraigadas e orientam o pensamento, as análises e a ação, as políticas, programas e campanhas de educação, de saúde e de assistência. Estas metáforas afirmam que assim como os acidentes naturais e as doenças põem em perigo o corpo social, político, cultural e moral. (ARROYO, 2009, p.45)

De acordo com o autor, foram desenvolvidas campanhas que buscavam promover a educação popular que acabava por infantilizá-la não alcançando seu objetivo, pelo contrário, desqualificando-a. Assim, atualmente foram criadas falsas imagens a respeito da cultura popular e saúde, que buscam uma mudança de postura dos envolvidos no processo, a ponto de possibilitar o surgimento de uma nova pática cultural, que trará a tão almejada mudança das manifestações preconceituosas.

Por isso Arroyo (2009) denomina a educação popular como uma contrapartida às tentativas conservadoras de despolitização de suas ações inventando gestos para chocar a cultura política e abrem espaços para explorar suas dimensões pedagógicas" (p.410).

Esse caminho de mudança acontece por meio da formação e conscientização dos educadores atuais, pelo desenvolvimento de novos fazeres e novas práticas educacionais, políticos e culturais, além de novos rumos contemplados por uma educação transformadora, deixando para trás, os paradigmas e desenvolvendo novos conceitos de tendo em vista que a intenção das classes dominantes é simplesmente massificar as classes populares, ao ponto que ela deixe de

existir.

Os movimentos populares repolitizam e radicalizam a pedagogia popular, na medida em que repõem suas lutas no campo de direito. Ao afirmarem-se sujeitos de direitos, vinculam as políticas sociais com a igualdade, a justiça e a equidade. Não mais com a inclusão excludente. Fazem avançar uma conformação do povo como sujeito de direitos. (ARROYO, 2009, p.411)

A luta legitima dos movimentos sociais e populares termina por resgatar nas pessoas os princípios básicos de igualdade e cidadania, que retrucando as ideais conservadoras acabam mostrando novos trajetos para a ampliação de diferentes e inovadoras práticas pedagógicas que tendem a brevemente contribuir para a reformulação da prática pedagógica, especialmente na formação político-pedagógica de uma classe atual que no futuro próximo estará a frente das decisões, incentivadas por uma classe de professores, como novos pensamentos sobre discussão do que seria, a aproximação da nova conspeção educativa trazida pelos novos educadores.

A partir daí será possível pensar na reconstrução dessas autoimagens, que os autênticos movimentos populares deveriam continuar submissos ao sistema, aguardando mudanças no cenário político e ideológico de forma pacífica por parte dos representantes políticos.

Não cabe na sociedade atual, a busca por direitos sem manifestações, especialmente o confronto de ideias que contribuirá na formação da criticidade desses novos cidadãos.

Desse modo é impensável refletir sobre direito e respeito à diversidade e educação para cidadania sem refletir a cerca de uma concepção antropológica com clara intenção de tentar entender qual o significado do termo "pluralidade cultural", como uma construção que ocorre por meio da perceção através, do conjunto de aspectos culturais desenvolvidos pelo indivíduo por meio da herança cultural do meio em que vive. É essa singularidade que confere as diferenças aos grupos de pessoas, evidenciando, e aqui refere-se apenas a cultura, as diferenças entre as pessoas.

A afirmação a seguir traz a reflexão sobre a diversidade das culturas, onde Lévi-Strauss (1976, p.328-329), aponta que:

[...] resultaria em um esforço vão ter consagrado tanto talento e tantos esforços para demonstrar que nada, no estado atual da ciência, permita afirmar que superioridade ou a inferioridade intelectual de uma raça em relação à outra, e que as culturas humanas não diferem entre si do mesmo modo nem no mesmo plano, mas que a diversidade das culturas é de fato no presente, e também de direito no passado, muito maior e mais rica que tudo o que estamos destinados à dela conhecer. (LÉVI- STRAUS, 1976

O autor diz que a diversidade cultural contempla as relações desenvolvidas no centro das sociedades, ou seja, não se trata de um problema somente das relações entre sociedades diferentes, mas ocorre nas subculturas que fazem parte da sociedade em questão, sendo que cada uma representa uma parcela de importância a suas diferenças.

O que se verifica atualmente é um cruzamento das fronteiras culturais e simbólicas que faz com que haja uma desterritorialização dos fenômenos culturais. Todo esse processo de mundialização da cultura, que dá a impressão de que vivemos numa aldeia global, acaba repondo a questão da tradição, da nação e da região. A medida em que o mundo se torna mais complexo e se internaliza, a questão das diferenças se recoloca e há um intenso processo de construção de identidades. (OLIVEN, 1992, p. 135).

O processo de colonização ao qual a sociedade brasileira foi submetida até hoje, evidencia que a sociedade não adquiriu a cultura de aceitar, respeitar , conviver e trabalhar com o diferente, e, se e essa construção não acontecer de forma efetiva um dos primeiros locais onde o preconceito respingará é a escola.

A tensão entre o global e o local não está restrito ao Velho Mundo. Os Estados Unidos estão experimentando conflitos de grande violência, por trás dos quais estão diferentes grupos étnicos que afirmam suas diferenças em relação aos outros e não aceitam mais um modelo único de ser dos norte-americanos. (OLIVEN, 1992, p.133).

O autor mostra que, no Brasil, mesmo não tendo conflitos étnicos, regionais ou religiosos convivemos com debates que direcionam discussões com o mesmo sentido pois, apesar de não pertencermos ao primeiro mundo, não se tem a intenção de fazer parte do terceiro mundo.

O Direito próprio do ser humano em ser autêntico, ser diferente, mostrase ainda uma conquista distante na sociedade atual, não levando em consideração o que realmente deveria acontecer, trata-se de consciência e razão, e não apenas de aspectos meramente sociais, econômicos, raciais, religiosos e culturais, pois isso sim, deveria

ser indispensável para que alcançássemos ao menos um pouco de igualdade social.

Não podemos subestimar o choque cotidiano das culturas. Ele influência o fracasso escolar: as rejeições, as rupturas na comunicação, os conflitos de valores e as diferenças de costumes contam tanto quanto o eventual elitismo dos conteúdos. Uma criança que rejeita a violência, que respeita os livros, que cumprimenta educadamente e sempre tem as mãos limpas será mais apreciada do que aquela que, com iguais dificuldades, agride os outros, diz palavrões, masca chiclete, cheira mal, destrói disfarçadamente as plantas do professor ou acaba abertamente com suas profissões de fé ecológicas em nome do "sacrossanto carrão". (PERRENOUD, 2001, p. 57)

Enxergar para a diversidade cultural / territorial expõe particularidades da existência humana, como as diferentes formas que as sociedades assumem no tempo e no espaço, as relações entre povos, culturas, civilizações, etnias, grupos sociais e indivíduos, enquadrando-se como um desafio, não só da escola práticas pedagógicas, mas das formas possíveis de convivência que se quer erigir, humanizar as relações na economia, na política e no conhecimento seguindo o conceito de Philippe Perrenoud (2001), podemos dizer que há uma grande distância cultural nas relações educacionais. A comunicação a cumplicidade e o respeito mútuo entre professores e alunos dependem em grande parte de gostos e valores partilhados em programas e claramente em diferentes áreas, pois não consistem apenas no conhecimento intelectual que as escolas trabalham, ensinam e exigem. Isso confirma, segundo Perrenot, que na comunicação cotidiana, a escola é aristocrática. Embora não fosse essa a intenção

Em um país culturalmente tão variado como o Brasil, não se pode aceitar tanta discriminação, isso é uma doença em nossa civilização e, é dever de cada cidadão combatê-lo de forma efetiva.

A concepção de que ser diferente é um aspecto positivo e que deve ser respeitado, é algo que precisa ser frequentemente difundido e reafirmado em todas as esferas da sociedade em especial nos ambientes que trata da educação formal.

Mesmo sabendo que no Brasil a diversidade cultural é abrangente e que a escola é o espaço em que mais se observa as diferentes formas de apresentação cultural, nota-se o despreparo dessa instituição em promover a consciência de igualdade apesar das diferenças, além de combater o preconceito e a discriminação velada que acontece na rotina escolar.

Nota-se que as manifestações preconceituosas não estão presentes apenas nas relações estabelecidas entre os estudantes, elas estão em toda a estrutura do sistema e deve ser combatida diariamente. Quando as atitudes preconceituosas parte dos educadores é possível que esse educador não tenha recebido formação que o capacitasse para lidar com a questão da diversidade, estando por tanto despreparado para atuar de forma pró-ativa em relação ao conflito, esse tipo de acontecimento termina por rotular o educando contribuindo de forma negativa para que o preconceito interfira de forma destruidora, na autoestima e especialmente no processo de ensino e aprendizagem desse estudante.

Frente a essa demanda, a sociedade brasileira tem o dever de repensar suas atitudes, seus conceitos político sociais, a fim de garantir a igualdade de oportunidades e respeito às diferenças, aos grupos que compõe a minoria, valorizando as características culturais de existentes no país, inclusive respeitando as característica de cada escola na sua individualidade, proporcionado um diálogo amplo e conscientizador para que todos entendam o verdadeiro significado de cidadania muitas vezes segregado pelos entes que compõe a sociedade em especial as instituições escolares.

É possível estimular a mudança dessa realidade partindo do princípio da valorização da cultura de cada cidadão, e por fim a diversidade cultural de cada região, preservando a identidade cultural de cada povo e de cada cultura presente não apena no Brasil, mas em todo o mundo.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Educação Popular, saúde, equidade e justiça social. Cadernos Cedes. Campinas, vol.79, p. 401-416, set-dez. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais: pluralismo cultural. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Programa Ética e Cidadania: construindo valores na escola e na sociedade: inclusão e exclusão social. Programa de Desenvolvimento Profissional Continuado.

Conteúdo: Inclusão e exclusão social. módulo 3: Direitos Humanos. Organização FAFE

– Fundação de Apoio à Faculdade de Educação (USP), equipe de elaboração:

Ulisses F. Araújo... [te al.]. –Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

4 v.

CANDAU, Vera Maria; LEITE, Miriam. Diálogos entre diferença e educação. CANDAU, Vera Maria (org.). Educação intercultural e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 21 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

. Pedagogia do oprimido. 27ª ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

; SHOR, Ira. Medo e ousadia: o cotidiano dos professores. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e História. In: Antropologia Estrutural II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976, p. 328-330.

OLIVEN, Ruben George. A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasilnação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

PEREIRA-TOSTA, Sandra. Antropologia e Educação: culturas e identidades na escola.

MAGIS – Revista Internacional de Investigación en Educación, 3(6), p. 413-431, 2011.

PERRENOUD, Philippe. A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso. Porto Alegre: Artmed, 2001, p.34.